

Resenha do livro:

PESSANHA, Eurize Caldas; GATTI JR., Décio. (2012) *Tempo de cidade, lugar de escola: história, ensino e cultura escola em “escolas exemplares”* (Orgs.) Uberlândia: EDUFU. 298 p.

Resenha de Fernando Vendrame Menezes

f.vendrame@hotmail.com

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

“Eu estudei naquela escola”. Essa frase aparentemente simples traz em suas entrelinhas uma complexidade de significados que envolvem, entre tantas outras possibilidades, a relação que certas frações de classe estabelecem com uma determinada instituição escolar na promoção de seu capital cultural, o que poderia justificar um papel de destaque ocupado por esta instituição na sociedade em que se insere.

A obra aqui apresentada, *Tempo de cidade, lugar de escola: história, ensino e cultura escolar em “escolas exemplares”*, organizada pelos professores Décio Gatti Jr. e Eurize Caldas Pessanha, caminha na direção de se desvelar as possíveis relações existentes entre o processo de urbanização de determinadas cidades brasileiras entre 1880 e 1970 e a história de instituições escolares destas respectivas cidades que, concomitante ao seu desenvolvimento, consolidaram-se como modelo e referência na qualidade do ensino oferecido.

Partindo da hipótese de que estas eram “escolas exemplares”, pois se inseriam na identidade cultural de determinados grupos sociais que, em certos momentos históricos, se consideravam “elite” nestas cidades, os pesquisadores se debruçam sobre temáticas como escolarização, ensino secundário, currículo e cultura escolar, buscando aí os indícios da exemplaridade destas instituições.

A estrutura do livro é composta de 11 capítulos, divididos em três partes. A Parte I – Sobre a História da Escola: pesquisas e objetos, incorpora os três primeiros capítulos da obra. Cynthia Greive Veiga, no texto “História da Educação Social: um campo de investigação para a História da Educação”, tece um panorama histórico das condições em que surgiram as instituições dedicadas ao atendimento de crianças socialmente marginalizadas, órfãs e abandonadas, sobretudo a partir do século XIX. Observando que, em contraste com o desenvolvimento das instituições escolares regulares, as instituições que deveriam promover uma educação social eram mais voltadas a assistência social e educação para o trabalho, como formas de se conseguir uma validade social para estas crianças.

No capítulo 2 “Escola e Modernidade”, Justino Magalhães aborda as relações que compreendem o advento da Modernidade com o progressivo desenvolvimento da institucionalização da educação, ou seja, a escolarização. Para o autor, o Estado foi o agente que centralizou o processo de escolarização, no intuito de fazer dele uma das ferramentas para a construção e consolidação do seu projeto de Nação. Progressivamente, a escola assumiu relativa autonomização, sem nunca deixar, contudo, de vincular-se à esfera estatal. Conforme Magalhães, atualmente o Estado deixou de ter um projeto educacional, mergulhando a escola numa crise, que em última instância, está associada à própria crise da Modernidade.

No capítulo 3 - Entre as Ciências e as Letras: a consolidação do currículo científico no ensino secundário (1950 – 1971), Rosa Fátima de Souza, examina as representações de intelectuais e educadores sobre os debates travados em diversos setores da sociedade nacional a respeito das mudanças necessárias para uma reformulação do ensino secundário

no Brasil. Acompanhando as discussões em diferentes veículos de divulgação científica da época, a autora analisa as ideias e propostas que culminaram na implantação de um currículo voltado à uma formação científica, afeito as necessidades de uma educação para o trabalho.

A parte II do livro, denominada “Ensino secundário em perspectiva internacional (séculos XIX e XX)” apresenta quatro estudos que debatem o ensino secundário em quatro países diferentes: Brasil, Espanha, Portugal e Estados Unidos.

“Estudos secundários no Brasil nos séculos XIX e XX”, título do capítulo 4, de autoria de Cláudia Alves, busca traçar um panorama histórico do ensino secundário no Brasil entre os séculos XIX e XX, analisando desde o seu lento processo de difusão no cenário nacional, passando pelas instituições escolares de nível secundário, pelas práticas curriculares e educativas, pelo perfil docente nos estudos secundários até discutir questões como o acesso, a permanência e os dilemas da democratização do ensino secundário a partir da segunda metade do século XX. Para a autora, o ensino secundário, que surgiu elitista, como formador da intelectualidade dirigente do país acompanhou as pressões internas e internacionais do século XX por uma escolarização mais abrangente e voltada às necessidades do mundo do trabalho.

O capítulo 5, escrito por Antonio Viñao e denominado “*Del bachillerato de elite a la educación secundaria para todos (Espanña, Siglo XX)*” apresenta as ponderações do autor sobre o processo que marcou o ensino secundário da Espanha no século passado, que resultou na passagem de um ensino secundário tradicional de elite para um ensino secundário para todos. Em seu texto, Viñao busca compreender este processo enfocando aspectos como o início da crise do ensino secundário tradicional, a crise quantitativa deste ensino tradicional nos anos 1960, a crise estrutural do ensino secundário tradicional e o início do ensino secundário para todos, nos anos 1970, e sua consolidação, nos anos 1990. Como resultado deste processo, o autor enfoca duas questões presentes no ensino secundário espanhol atual, a saber: a formação e seleção dos professores e a educação integral.

No capítulo seguinte, Luis Alberto Alves, da Universidade do Porto, no texto intitulado “Ensino Secundário em Portugal – de meados do século XVIII ao último quartel do século XX (1756 a 1973)”, aborda o ensino secundário português a partir das reformas político-educativas empreendidas em diferentes momentos da história lusitana. Partindo das iniciativas educativas centralizadoras do Estado, na década de 1750, o autor passa pelo período oitocentista, na transição do Liberalismo ao Republicanismo até atingir o Estado Novo (1973). Nesse percurso, Alves discute as questões que envolvem a predominância, em determinados momentos, de um ensino secundário liceal ou de um ensino secundário de caráter técnico.

O capítulo 7, último desta parte do livro, de autoria de Mirian Jorge Warde, intitulado “A Padronização do Ensino Secundário Moderno nos Estados Unidos”, discute como, em fins do século XIX, os Estados Unidos enfrentaram uma profunda crise que atingiu o ensino secundário daquele país, causada pelo advento de novos e diversificados contingentes de alunos. Para tanto, Warde analisa a atuação da *National Educational Association* (NEA), no ano de 1892, que por meio do *Committee of Ten*, implementou uma série de propostas que levaram ao ingresso do ensino secundário norteamericano na modernidade industrial.

Cultura escolar em “escolas exemplares”, título da Parte III do livro, reúne quatro textos que colocam em balanço os resultados dos trabalhos de um conjunto de pesquisadores que se debruçaram sobre quatro escolas diferentes, em quatro cidades

diferentes, mas que se entrelaçam pela hipótese de que, nestas cidades, estas escolas foram “exemplares”.

O primeiro texto, intitulado “O Gymnásio Mineiro de Uberlândia: ideário e ações de modernização na cidade escolarizada (1929-1950)”, de autoria de Giseli Cristina do Vale Gatti, Geraldo Inácio Filho e Décio Gatti Júnior, analisa a relação entre modernização, urbanização e escolarização na cidade de Uberlândia e no Triângulo Mineiro a partir deste colégio. Enfocando aspectos como as práticas escolares e as metodologias de ensino, a atuação dos professores, o papel social dos alunos e a importância do colégio como dentro social, esportivo e cultural da cidade, os autores apontam para os indícios da centralidade que o Gymnásio exerceu na sociedade local.

No capítulo 9, escrito por Laurizete Ferragut Passos e Diva Otero Pavan, com o título “Saberes e práticas como integrantes da cultura escolar: o Grupo Escolar Conde do Parnayba”, busca-se analisar as práticas e saberes difundidos por um grupo de seis professoras primárias que atuaram na instituição entre 1930 e 1980. Como fontes foram utilizados depoimentos das professoras, matérias em jornais da época e o diário de uma aluna do colégio naquele período. Para as autoras, as marcas da exemplaridade que caracterizaram o Grupo escolar Conde do Parnayba são entendidas a partir das práticas e dos saberes que, juntamente com os conteúdos, métodos e finalidades, estiveram orientadas por um currículo organizado dentro dos princípios de renovação do ensino, ou seja, um currículo organizador de todo o processo educacional formal e que, para isso, deveria se tornar cada vez mais homogêneo, padronizado e uniforme.

Em “O lugar de uma escola no tempo de uma cidade: Campo Grande e a Escola Estadual Maria Constança Barros Machado”, Eurize Caldas Pessanha e Fabiany de Cássia Tavares Silva buscam analisar o processo de urbanização e escolarização da cidade de Campo Grande e suas relações com a história da cultura escolar da Escola Estadual Maria Constança Barros Machado. Valendo-se de fontes primárias (arquivos da escola e livros didáticos adotados, entre outros), fontes secundárias (teses e dissertações elaboradas no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) e fontes orais (como entrevistas com ex-professores e ex-alunos), as autoras buscam analisar a atuação de diferentes atores da escola, como professores, alunos e administradores, bem como desvelar os vestígios de uma história curricular que apontem para as marcas da exemplaridade da escola.

No último capítulo do livro, intitulado “Cada cidade uma escola: o papel do Liceu de Humanidades de Campos nas origens do Ensino Secundário no Norte Fluminense”, de autoria de Silvia Alicia Martínez, Marcelo Carlos Gantos e Maria Amélia de A. P. Boynard, são abordados alguns aspectos do cotidiano escolar do Liceu de Humanidades de Campos, no Rio de Janeiro. Entre estes aspectos estão o prédio como o elemento definidor de uma cultura escolar, o início da profissão docente secundária na cidade através das primeiras nomeações, a origem social dos alunos, seu ingresso no colégio e o destino profissional por eles atingido, além da questão em torno do currículo escolar, que, apesar de seu caráter humanístico, não afastou o ingresso das ciências em seu rol de disciplinas escolares.

O conjunto desta obra configura-se como uma importante contribuição para o campo da História da Educação ao relacionar, ao longo de seus capítulos, os processos de modernização, urbanização e escolarização (sobretudo do ensino secundário), propiciando ao leitor, especializado na área ou não, a possibilidade de compreender que “estudar naquela escola” significa fazer parte de um grupo social com representações culturais que, entre outras coisas, se materializam num espaço escolar específico. Nesse sentido, Tempo

de cidade, lugar de escola é um livro não só de divulgação de uma produção científica, mas de estudo e compreensão das relações estabelecidas entre sociedade e escola.